

Macroeconomia

Inflação e preços agrícolas

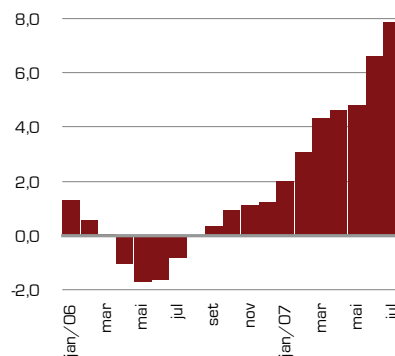
Rogério Mori*

AS ANÁLISES recentes de vários economistas têm apontado que o cenário inflacionário brasileiro permanece favorável ao longo dos últimos meses. De fato, a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA – registra quedas sistemáticas no resultado acumulado em 12 meses. Caiu, até março deste ano, a 2,96% no acumulado de 12 meses. Ante esse ambiente, as expectativas de inflação cederam de forma quase contínua, ensejando um ambiente favorável a reduções na meta da taxa básica de juros – Selic – por parte do Banco Central. Os núcleos de inflação também caíram no processo, com variações acumuladas que se aproximaram de 2% no primeiro trimestre do ano. Sob essa perspectiva, chegou-se a especular que a inflação poderia ficar muito próxima ao piso da meta neste ano, de 2,5%, e especulou-se fortemente que o Conselho Monetário Nacional (CMN) poderia decidir por uma redução de meio ponto percentual para os próximos meses na sua reunião de junho. Várias razões contribuíram para o comportamento da inflação mas, sem dúvida, a apreciação do real diante das demais moedas influuiu significativamente.

Na realidade, a dinâmica dos preços domésticos começou a registrar uma inversão a partir do primeiro trimestre do ano, com o IPCA acumulado em 12 meses migrando novamente para um patamar superior aos 3% e atingindo 3,74% em julho. Em outras palavras, a dinâmica inflacionária trouxe a variação do IPCA

de volta ao nível próximo de 4% e as indicações são de que o ano pode fechar com um índice de inflação superior a esse valor. Uma análise um pouco mais ampla desse espectro inflacionário revela que tal comportamento não se limitou apenas

IPCA – Alimentação e bebidas
(var. acumulada em 12 meses, %)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV-EESP/Cemap

ao índice cheio, mas as medidas de núcleo também mostraram uma mudança de comportamento no período, ensejando indagações se a trajetória de inflação poderia estar se alterando ao longo desses meses. Sob essa perspectiva, cabe perguntar acerca das razões que, em tese, condicionaram essa mudança.

Sem sombra de dúvida, o comportamento dos preços dos alimentos teve um efeito determinante no processo. No caso do IPCA, em que o grupo alimentação e bebidas responde por uma elevada parcela do índice, a alteração na dinâmica

é gritante. A variação acumulada em 12 meses do grupo chegou a registrar deflação de 1,71% em maio do ano passado. Desde então, os seus preços registraram uma clara inversão e fecharam o ano passado com variação acumulada de 1,23%. Ao longo deste ano, a alta de preços foi impressionante e o resultado acumulado em 12 meses do grupo alimentação e bebidas no IPCA chegou ao patamar de 7,88% em julho deste ano.

A inversão dos preços dos alimentos tem, por trás, sem dúvida, a mudança no comportamento dos preços agrícolas. Reconhecidamente, eles também registraram uma ampla aceleração desde meados do ano passado. Tal padrão pode ser detectado nos preços praticados no atacado por meio do Índice de Preços no Atacado (IPA) para produtos agrícolas medido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Desde maio do ano passado, esses preços também registraram aceleração, e o pico de variação acumulada em 12 meses foi de 12,8%. Desde então, o índice cedeu, mas os resultados observados em junho e julho ainda refletem alguma pressão do lado desses preços no período.

Sob essa perspectiva, o comportamento dos preços dos produtos agrícolas no atacado tem se transmitido, ainda que com alguma defasagem, para o varejo e a dinâmica imposta no segmento atacadista claramente condicionará os resultados na ponta varejista. O lado interessante do resultado é que ele ocorreu exatamente nos meses em que a cotação da moeda norte-americana seguiu caindo, o que, em tese, deveria amortecer um pouco o efeito nesses preços.

Nesse contexto, caso a dinâmica dos preços agrícolas do segundo semestre de 2007 seja relativamente similar à verificada no ano passado e ocorra uma súbita reversão no comportamento da taxa de câmbio, é bem provável que o cenário de inflação registre uma clara deterioração. Caso isso ocorra, é bem provável que o desenho de política monetária seja revisito mais adiante. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (Cemap) da FGV-EESP